

A memória da história: registros de um vazio em *A Insustentável Leveza do Ser*

Paulo Eduardo Lannes Souza¹

Recebido em 15 de abril de 2018.

Aceito em 19 de junho de 2018.

Resumo: O presente artigo tem como objetivo compreender o papel da História na narrativa de *A Insustentável Leveza do Ser*, romance escrito em 1984 por Milan Kundera. É possível perceber que o narrador da obra assume o papel de historiador, ainda que não tenha compromisso com a veracidade dos fatos. Dessa forma, ele age de modo a construir uma memória coletiva na República Tcheca a partir das memórias individuais de cada personagem narrado em meio à invasão russa que pôs fim à Primavera de Praga em 1968. Para a discussão, serão analisados os conceitos que envolvem a questão histórica a partir dos escritos do filósofo Paul Ricoeur e dos historiadores Fernand Braudel, Eric Hobsbawm e Jacques Le Goff.

Palavras-chave: memória; história; paul ricoeur; milan kundera; a insustentável leveza do ser;

¹ Doutorando em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos pela Universidade do Porto, Portugal, e mestre em Literatura pela Universidade de Brasília, DF, Brasil. Contato: paulo.lannes@gmail.com

Em *A Insustentável Leveza do Ser*², romance publicado pelo escritor tcheco Milan Kundera em 1984, o narrador tem seu relato sempre permeado por considerações históricas bastante peculiares, denotando certo posicionamento enquanto historiador dentro da obra literária. Porém, podemos verificar, sob o respaldo dos escritos do filósofo Paul Ricoeur acerca do assunto, que mesmo diante de um narrador que se coloca como “criador” de uma narrativa histórica, a obra literária não pode ser descrita como formadora de uma História. A começar pelo fato de que a História, sempre vinculada ao presente, jamais poderia abarcar todas as visões sobre o assunto narrado, sendo assim a narrativa histórica é para Ricoeur, em *Tempo e Narrativa*, apenas “um fragmento da história de um mundo”, pois somente

um Cronista Ideal poderia ser a testemunha absolutamente fiel e absolutamente segura desse passado totalmente determinado. Esse Cronista Ideal seria dotado da faculdade de dar uma transcrição instantânea do que acontece, de aumentar de modo puramente aditivo e cumulativo seu testemunho à medida que os acontecimentos se somam aos acontecimentos (RICOEUR, 2012, v.1, p.241).

Ricoeur também concorda que até mesmo aquilo que ele chama de Cronista Ideal falharia em representar uma visão de mundo completa, visto que há aquele acontecimento que “não pode ser comprovado por nenhuma testemunha, ou seja, que a verdade inteira concernente a esse acontecimento só pode ser conhecida *a posteriori* e geralmente muito depois de ele ter ocorrido” (RICOEUR, 2012, v.1, p.241).

Dessa forma, a narrativa histórica na obra literária cria o tempo e embaralha sua linearidade em prol do resgate de um fato passado para a história. “Se um acontecimento é significativo à luz de acontecimentos futuros, a caracterização de um acontecimento como causa de um outro pode advir após o próprio acontecimento” (RICOEUR, 2012, v.1, p.242), ou seja, graças ao que ocorreu no presente, um fato passado pode vir a ganhar importância e, assim, passa a fazer parte da história.

Assim, este trabalho tem como objetivo aprofundar o entendimento sobre a influência da História em *A Insustentável*, investigando de que forma tal ciência é capaz de trabalhar com a literatura e com a memória na literatura, além de avaliar os aspectos em que faz a obra se distanciar de um discurso que afirma uma História da República Tcheca.

A Boêmia como fruto da memória coletiva do povo tcheco

Ao invés de referir-se a seu país como Tchecoslováquia (nome dado à nação entre os anos 1918 e 1992), o narrador optou pelo termo Boêmia, em alusão não só à região em que Praga se situa, mas também com vistas a resgatar a memória formada durante o Reino da Boêmia durante o século XV e que se reflete até a atualidade. Dessa forma, é possível perceber que há, na ficção, um trabalho em torno de momentos históricos marcantes do país, de forma que datas e acontecimentos organizam não só a memória individual como a memória coletiva presente na obra literária.

A proposta do narrador em tratar a até então Tchecoslováquia como Boêmia é bastante coerente quando se olha para a História do país. Thiago Borges de Aguiar e Davi

² Por motivos de economia textual, o autor irá chamar o romance kunderiano de *A Insustentável* nas próximas vezes que citá-lo durante o artigo

Costa da Silva afirmam, em *Identidade nacional na Boêmia do século XV e a formação de uma paideia tcheca*, que nesse período surgiu nos tchecos, pela primeira vez, um sentimento de nacionalidade por meio da língua, da cultura e do espaço geográfico, sendo até hoje a região que compreende maior parte da República Tcheca.

O que aconteceu no século XV, e se estendeu por pelo menos mais um século entre os tchecos, deixou marcas na história desse povo e no seu modo de agir e de pensar que persistem até os dias de hoje, se não como ação consciente no mundo, pelo menos como mito fundador. (AGUIAR e SILVA, 2015, p.320)

A mudança do nome é pertinente a esse narrador que se coloca como historiador. Se ele visa investigar o passado de um país por meio da memória de seus indivíduos e de uma memória coletiva, esta nacional, utilizar-se da História para resgatar a identidade tcheca em um momento tão crítico para a população local – a invasão russa em 1968 – torna-se mais do que uma escolha casual, devendo-se também a um instinto de sobrevivência particularmente tcheco.

Ao dizer que a “Boêmia seria força da a se curvar diante do conquistador”³ (KUNDERA, 2008, p.31), o narrador tece uma espécie de resistência numa frase que deveria apenas admitir a perda do país, transformando a derrota para o exército russo em algo menor, como se afirmasse uma força anterior aos problemas do momento, força esta que jamais se perderia por conta de um ataque da Rússia. Mais que acender o alerta para a população já acostumada a viver em território tão disputado ao longo da história, o narrador propõe uma defesa do sentimento coletivo que os tchecos têm, algo superior a qual-

quer tanque de guerra estacionado em uma rua de Praga. O narrador também reafirma esse discurso por meio de relatos dos personagens principais da obra literária. Vale citar o momento em que narra a ansiedade de Tereza em voltar a seu país mesmo diante dos problemas que os russos criaram por lá.

Quem vive no exterior caminha num espaço vazio acima do solo sem a rede de proteção que o país de origem estende a todo ser humano, onde ele tem família, colegas, amigos, e onde é compreendido sem dificuldade no idioma que sabe falar desde a infância.⁴ (KUNDERA, 2008, p.75)

Para Tereza não importa que a Suíça a receba bem, nem que ela esteja com quem ama. Enquanto tcheca, há um “espaço vazio acima do solo” se estiver fora da Tchecoslováquia. Mais do que isso, estar longe do país é estar longe dessa Boêmia fundada pela memória coletiva, que afirma os tchecos como uma força histórica e poderosa. É interessante notar também que foi ainda no século XV, período chamado de Idade de Ouro da Boêmia, que nasceu a literatura propriamente tcheca, escrita em sua língua, propiciando o fortalecimento da chamada “tchequidade”.

Educação, língua, memória compartilhada e sentimento nacional constituíram o que aqui, tomando o termo por analogia, chamamos de paideia tcheca, a formação de uma tchequidade que, conforme afirmamos, está presente ainda hoje naquelas terras da Europa Central. (AGUIAR e SILVA, 2015, p.322)

Dessa forma, pode-se verificar uma metalinguagem na obra literária. Se a literatura usa a

³ “La Bohême devait s’incliner devant le conquérant” (KUNDERA, 1998, p.45)

⁴ “Qui vit à l’étranger marche dans un espace vide au-dessus de la terre sans le filet de protection que tend à tout être humain le pays qui est son propre pays, où il se fait comprendre sans peine dans la langue qu’il connaît depuis l’enfance.” (KUNDERA, 1998, p.116)

História para dar força à memória coletiva tcheca, essa mesma História ganhou força justamente por causa da literatura. Embora não seja uma narrativa histórica, *A Insustentável* trabalha uma narrativa que se utiliza da História para o fortalecimento de sua própria linguagem.

Além disso, o jogo irônico que é feito com o nome do país traz à tona um questionamento sobre a importância da cronologia – elemento essencial na compreensão da história – para o entendimento do passado do país. Em “Trópicos do Discurso”, Hayden White afirma que a “hostilidade do escritor moderno à história se evidencia de modo mais claro na prática de usar o historiador para representar no romance e no teatro o exemplo extremo da sensibilidade reprimida” (WHITE, 2001, p.43). Nesse caso, o narrador seria esse historiador que altera o nome do país com a intenção de trazer uma memória coletiva – uma memória dos vencidos – daqueles que vivem neste espaço geográfico específico. Para o autor, o questionamento acerca das certezas que giram em torno da história começou por conta da incapacidade de lidar com os horrores da II Guerra Mundial.

A história, que se supunha fornecer algum tipo de preparação para a vida, (...), pouco fizera no sentido de preparar os homens para o advento da guerra (...) e, quando esta acabou, os historiadores pareciam incapazes de elevar-se acima das estreitas alianças partidárias e de compreender a guerra de algum modo significativo. (WHITE, 2001, p.48).

Ao alterar o nome do país, o narrador, que está no papel de escritor que rememora um momento histórico que altera a vida de todos os personagens da obra, traz à tona essa discussão. Ora, após a II Guerra Mundial, o país

vivencia uma outra guerra, silenciosa e extremamente prejudicial aos moradores da região. É essa guerra que ainda existe que o narrador aponta ao mostrar Tereza tentando convencer aos jornalistas da Suíça – e que todos acreditam já estar no passado.

Levara para a Suíça umas cinquenta fotografias que ela mesma revelara com todo o cuidado e toda a arte de que era capaz. Foi oferecê-las a uma revista de grande tiragem. O redator-chefe a recebeu amavelmente (todos os tchecos traziam em volta da cabeça a auréola da sua desgraça, que comovia os bons suíços), convidou-a a se sentar numa poltrona, examinou as fotos, elogiou-as e explicou que não tinham a menor chance de ser publicadas (“por mais bonitas que sejam!”); o acontecimento estava agora muito distante. (KUNDERA, 2008, p. 69)⁵

Tereza até relutou contra a afirmação. “Mas nada acabou em Praga!”⁶ (KUNDERA, 2008, p.69), disse ao redator-chefe. Porém, não teve chance. Fotos de corpos nus, trazidas por outra fotógrafa logo depois, lhe chamaram mais atenção. Diante desta situação, em que o presente é tratado como passado – um passado já desinteressante – por que não trazer à tona outro momento do país, este interessante ao narrador (a Boêmia)? Se a concepção de um presente e de um passado é política, nada mais natural que o narrador escolha o tempo que lhe convém.

⁵ “Elle avait emporté en Suisse un cinquantaine de photographies qu’elle développa elle-même avec tout le soin et tout l’art dont elle était capable. Elle alla les proposer à un magazine à grand tirage. Le rédacteur en chef la reçut aimablement (tous les Tchèques portaient autour de la tête l’auréole de leur malheur qui touchait les bons Suisses), l’invita à s’asseoir dans un fauteuil, examina les photos, em fit l’éloge et explique qu’elles n’avaient aucune chance d’être publiées (<< aussi belles soient-elles! >>) l’événement étant maintenant trop éloigné.” (KUNDERA, 1998, p.106)

⁶ “Mais à Prague, rien n’est fini!” (Kundera, 1998, p.106)

A narrativa histórica como objeto literário

Os historiadores Fernand Braudel, Eric Hobsbawm e Jacques Le Goff produziram trabalhos que visam entender o que, enfim, é a História. Indo para além da busca pelo seu significado linguístico – o *historie*, do grego antigo, significa “procurar” –, os historiadores avançam sobre o que define essa procura. Em comum, todos perceberam o elemento como uma série de narrativas que se modificam de acordo com o presente, permitindo, assim, uma análise em que é questionado o papel dessa História como o reconhecimento de uma verdade inviolável do passado. É a partir daí que iremos verificar a força do material histórico nas memórias do narrador de *A Insustentável*. Mais do que isso, é nesse momento que poderemos verificar o que significa essa retomada de eventos históricos selecionados pela memória do narrador para o presente, um presente afetado por ideais adquiridos após os fatos que se encontram no passado.

Para Paul Ricoeur, a história existe por meio da narrativa e todos os acontecimentos que permeiam essa narrativa histórica estão no passado, necessitando da ação do homem para que a memória arquivada, também selecionada pelo homem, seja resgatada. Assim, a ação humana funciona como motor da história e, por isso, está sujeita a releituras, pois “na medida em que o historiador está implicado na compreensão e na explicação dos acontecimentos passados, o discurso histórico não pode atestar um acontecimento absoluto” (RICOEUR, 2012, v.1, p.161), ou seja, não se deve pensar na história como uma realidade única, mas sim como uma busca feita pelo homem no presente sobre o que ocorreu no passado. Dessa forma, podemos afirmar que a história é sempre uma re-

leitura do passado para se adequar às demandas do presente.

Seguindo esta linha, Le Goff apresenta, em “História e memória”, uma profunda análise do funcionamento da História diante de uma memória ambígua, maleável e completamente desconfiável – mas ainda assim vital para a formação e o entendimento da própria História – e também de uma História que justamente faz com que a memória sobreviva nos dias de hoje, afirmando um ciclo contínuo entre memória e História. “A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro” (LE GOFF, 2003, p.471). Essa relação, tão intrínseca e necessária para ambos os elementos estudados, revela uma série de problemáticas. Por isso, o resgate dessa memória do passado, a Boêmia que se encontra na memória nacional, não vem como uma lembrança apaziguada pelo narrador de *A Insustentável*. “A história da Boêmia não vai se repetir uma segunda vez, nem a história da Europa”⁷ (KUNDERA, 2008, p.219). O pessimismo diante do fato histórico que o narrador insiste em citar enquanto conta suas lembranças vem por conta da pergunta filosófica lançada pelo aforisma do *eterno retorno*, postulada pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche em *Gaia Ciência*. Na obra, Nietzsche conta a história de um demônio que pergunta ao leitor o que ele acharia se sua própria vida se repetisse incontáveis vezes sem mudar em absolutamente nada. “Queres isso ainda mais uma vez e um número incalculável de vezes?” (NIETZSCHE, 2006, p.202). Essa pergunta parece martelar as palavras do narrador ao longo da narrativa, obrigando-o a vasculhar o passado para tentar responder ao teorema filosófico e dizer: viveria esse momento novamente, ou-

⁷ “L’histoire de la Bohême ne va pas se répéter une seconde fois, l’histoire de l’Europe non plus” (KUNDERA, 1998, p.322)

tra e outra vez, eternamente. Sim, ele viveria na Boêmia uma outra vez, embora nunca tivesse vivido esse período histórico, mas, ao mesmo tempo, ele também é cético sobre isso, pois essa Boêmia idealizada não existe mais – se é que um dia chegou a existir. Esse jogo entre o poder da memória coletiva e a impossibilidade de um resgate completo do passado denota uma aporia da memória, sempre discutida na obra literária.

Então, Le Goff acredita que, de fato, a História vai muito além do sentido de “procura” localizado na palavra de origem. Para ele, essa História pode existir enquanto narração, “uma narração, verdadeira ou falsa, com base na “realidade histórica” ou puramente imaginária” (LE GOFF, 2003, p.18). Dito isto, o historiador já assume logo de início que se deve, sim, desconfiar da veracidade dos elementos históricos contados – não a ponto de aceitar o totalmente inventado como pretexto histórico, mas de permitir uma leitura quase que literária dos fatos passados. Braudel também avança por este caminho. No início da obra “História e ciências sociais”, o autor se diz desconfiado daquilo que chama de “história tradicional”, em que o passado é “constituído, numa primeira apreensão, por esta massa de pequenos factos, uns resplandecentes, outros obscuros e indefinidamente repetidos” (BRAUDEL, 1982, p.11). Para ele, a História passa sempre por reflexões e seleções, em que o historiador

Só alcança as <<finas>> tramas das estruturas sob a condição de *reconstruir*, ele também, de antecipar hipóteses e explicações, de rejeitar o real tal como é percebido, de truncá-lo, de superá-lo; operações que permitem todas elas escapar aos dados para os dominar melhor, mas que – todas elas sem exceção – constituem reconstruções. (BRAUDEL, 1982, p.20)

Daí verifica-se a existência da História por meio de narrativas históricas, que abrigam reconstruções daquilo que se registrou do passado. Como reconstruções, sempre diferentes da construção original, a História não se trata de resgatar exatamente o que ocorreu em tempos anteriores, mas sim de fazer novas leituras sobre os eventos do passado. Para Barthes, em “História ou Literatura?”, tais novas leituras podem receber um impulso poético, que coloca o momento histórico ao lado da literatura.

Primeiro e essencialmente, uma alquimia: de um lado existem os materiais históricos, biográficos, tradicionais (fontes) e, depois, de um outro lado (porque é bem evidente que existe um abismo entre esses materiais e a obra), há um *não-sei-que* de nomes nobres e vagos; é o *impulso gerador*, o *mistério*, a *alma*, a *síntese*, enfim, a *Vida*; (BARTHES, 1987, p.154)

Isso provoca aproximações e afastamentos entre relatos diferentes sobre um mesmo fato histórico. Para além da questão sobre a Boêmia levantada pelo narrador em *A Insustentável*, pode-se averiguar essas distensões quando o fatídico 21 de agosto é posto em xeque por meio da comparação entre um relato histórico com a obra literária em questão e até mesmo quando diferentes narrativas de não-ficção são postas uma ao lado da outra.

O jornalista Vaclav Byk estava na cidade neste dia e fez um relato sobre os primeiros momentos da invasão em “Praga – Quando os tanques avançaram”. No texto, ele afirma que a “nação conseguiu, em seis dias, o que ela não conseguira em trinta anos: recuperar seu orgulho, reencontrar a sua dignidade” (BYK apud DESGRAUPES, 1968, p.15). Já Sonia Goldfeder, com formação em História pela Universidade de São Paulo (USP), diz acreditar que ocorreu o contrário no livro “A Primavera de Praga”: essa mesma dignidade

percebida por Byk havia sido encontrada nos meses anteriores à chegada dos tanques, quando o país vivia um florescimento político, social e cultural por meio de um socialismo “humanizador”, já que “o povo tcheco conhecia uma situação extraordinária, pois havia, de uma certa forma, deixado de se situar às margens da história mundial” (GOLDFEDER, 1981, p.35). Então, para a autora, com a chegada das forças russas, o clima que reinava era de confusão, em que os tchecos, perplexos e desorientados, agiam de forma a defender aquela dignidade encontrada anteriormente e que, mesmo após tanta luta, saíram derrotados. Ela fez questão de lembrar, inclusive, que muitos muros de praga começaram a ser pichados com a pergunta “PROC?!”, que significaria “Por quê?!” na língua local, denotando o tamanho desalinho dos moradores locais sobre o que estava ocorrendo naquele momento. Em *A Insustentável*, o momento histórico ganha força não pelo sentimento de orgulho e muito menos pela confusão, mas sim pelo relato do silêncio do até então governante do país, Alexander Dubček, em seu primeiro discurso no rádio após a chegada dos tanques russos.

Se nada resta de Dubček, restam ao menos aqueles longos silêncios atrozés durante os quais ele não podia respirar, durante os quais procurava recobrar o fôlego diante de um povo inteiro grudado no rádio. Aqueles silêncios continham todo o horror que se abatera sobre o país.⁸ (KUNDERA, 2008, p.73)

Em *A Insustentável*, o narrador fala sobre o ódio, sobre a humilhação, sobre uma “espécie

de transe quase semelhante ao da felicidade”⁹ (KUNDERA, 2008, p.30), sentimento este também verificado por Byk e Goldfeder, que teria acometido os moradores da “Boêmia”. Porém, para o narrador, esse transe se mostrou passageiro, perdurou como uma marca temporal pequena da lembrança: era apenas parte de uma “festa inebriante do ódio”¹⁰ (KUNDERA, 2008, p.31). O horror sem palavras percebido pelo narrador durante o silêncio de Dubček parece permear a obra em todos os momentos que o fato histórico volta à tona. Misturado à História, tal horror traz uma nova perspectiva sobre o acontecimento. Uma perspectiva literária e, talvez, mais filosófica, como se os fatos externos e as ações das pessoas não pudessem ser suficientes para explicar o que ocorreu, tanto que discorda dos relatos de não-ficção, nos quais perceberam no discurso de Dubček apenas mais uma jogada política entre muitas que iriam mexer com o país dali em diante.

Le Goff faz uma autocrítica ao afirmar que a História não abarca esses outros sentidos impossíveis de se explicarem, que faltam palavras – mas que deveria fazê-lo. Assim, ele tenta adicionar a esta ciência um sentido filosófico por meio do pensamento de Ricoeur, que também verifica a historicidade, a História enquanto estudo racional propriamente dito, como uma ciência que nega a idealização dela mesma.

A história só é história na medida em que não consente nem no discurso absoluto, nem na singularidade absoluta, na medida em que o seu sentido se mantém confuso, misturado... A história é essencialmente equívoca, no sentido de que é virtualmente *événementielle* e virtualmente estrutural. A história é na verdade o reino

⁸ “S’il ne reste rien de Dubcek, il en restera ces longs silences atroces pendant lesquels il ne pouvait pas respirer, pendant lesquels il cherchait son souffle devant un peuple entier collé aux récepteurs. Dans ces silences, il y avait toute l’horreur qui s’était abattue sur le pays.” (KUNDERA, 1998, p.113)

⁹ “sorte de transe qui ressemblait presque à du bonheur” (KUNDERA, 1998, p.44)

¹⁰ “fête enivrante de la haine” (KUNDERA, 1998, p.45)

do inexato. (RICOEUR apud LE GOFF, 2003, p.22)

A partir daí, Le Goff tenta compreender o que seria esse “reino do inexato”, do que esse pensamento é feito em sua essência, afirmando que “a obra do historiador é uma forma de atividade simultaneamente poética, científica e filosófica” (LE GOFF, 2003, p.37). Ele então avança sobre a produção da História feita pelos historiadores e define, após enveredar pelos pensamentos do historiador Marc Bloch, que “a história não só deve permitir compreender o “presente pelo passado” – atitude tradicional –, mas também compreender o “passado pelo presente”” (BLOCH apud LE GOFF, 2003, p.24), o que denota uma constante reinterpretação do que teria ocorrido em momentos anteriores ao que vivemos e que não se pode pensar “num passado independente daquele que o historiador constrói” (LE GOFF, 2003, p.25). Assim, Le Goff percebe que os historiadores não deveriam fugir desse “reino do inexato”, postulando que “a história é bem a ciência do passado, com a condição de saber que este passado se torna objeto da história, por uma reconstrução incessantemente reposta em causa” (LE GOFF, 2003, p.26). Este pensamento aproxima-se também da dificuldade que o narrador tem em expressar o sentimento comum aos tchecos naquele momento histórico. O silêncio de Dubček passa a fazer parte desse “reino do inexato” causado pela “reconstrução incessante” da história feita pelo narrador em *A Insustentável*.

Podemos, então, afirmar que, assim como o sentimento de orgulho e de confusão foram objetos de estudos para Byk e Goldfelder, respectivamente, forjarem uma narrativa histórica sobre o momento, o silêncio forjou *A Insustentável*. A obra literária escapa de sua análise histórica – ao menos tradicional – por não conseguir transpor o que havia aconteci-

do em palavras, ou seja, os registros e depoimentos do passado foram incapazes de atender às necessidades de Kundera expressar aquele momento por completo, servindo apenas como referência daquilo que se guardou. Ainda assim, Le Goff tenta encaixar esse “reino do inexato” de Ricoeur, apostando na compreensão do “intraduzível” como um meio de, em algum momento, torná-lo “traduzível”. Para alcançar esse objetivo, ele cita Max Weber e concorda com a sua compreensão de que sempre haverá um “juízo de valor” dos acontecimentos por parte de quem elabora a História: “Toda a tentativa de compreender a realidade (histórica) sem hipóteses subjetivas só conseguiria chegar a um caso de ‘juízos existenciais’ sobre inúmeros acontecimentos isolados” (WEBER apud LE GOFF, 2003, p.32). Dessa forma, Le Goff passa a compreender que a seleção realizada previamente pelos historiadores daquilo que se guarda do passado – documentos, monumentos e testemunhos – é feito principalmente sob um olhar subjetivo, afirmando, por registros, um caminho que conduz a História no sentido desses silêncios, ou seja, a subjetividade do historiador passa a ser um dos fios condutores da criação da História, que utiliza os diferentes arquivos como objeto de construção de uma narrativa.

Daí podemos resgatar os pensamentos de Ricoeur acerca da construção da História como a construção de uma ficção, nos quais afirma que “uma história de acontecimentos, uma história factual, só pode ser uma história-narrativa” (RICOEUR, 2012, v.1, p.169). Essa história-narrativa é marcada por acontecimentos do passado que, de alguma forma, merecem ser registrados no presente – dizem algo sobre o que está ocorrendo no momento em que se toma nota da história – por serem eventos particulares que se encaixam numa problemática universal. Luiz Costa Lima traz, em *História, Ficção, Literatura*, o

entendimento de uma escrita da história que serve de alternativa para a construção de uma narrativa histórica propriamente dita. No início, ele diz que “o autocentramento da escrita da história implicava, no tocante ao evento, a sua transferência de plano: do caótico da realidade para o ordenado do plano de sua análise” (LIMA, 2006, p.114). O caminho do escritor, aqui, se assemelha ao do historiador, mas isso ocorre apenas em sua base. A escrita da história busca no passado sua narrativa, mas, ao mesmo tempo, sabe que sua interpretação a afasta da “verdade” que a história almeja. Assim, “à medida que o ficcional se liberta, e nunca o será de todo, dos mecanismos de controle, e nunca se pretende dizer a verdade do que foi, seu critério de apreciação fundamental concerne à sua construção verbal” (LIMA, 2006, p.119). A história, então, serve de “registro de conteúdo” para uma narrativa que o escritor irá criar a seu modo. É possível que a partir da escrita da história, o escritor se encaminhe para a história propriamente dita, porém, não foi esse o caminho escolhido pelo narrador de *A Insustentável*. Aqui, a escrita da história deu base à discussão sobre a identidade do próprio narrador, surgindo com o objetivo de inserir uma questão coletiva dentro da experiência individual.

O sujeito humano contém em si mesmo a alteridade; pela impossibilidade de uma lógica que satisfaça seus campos de ação indispensáveis – desde a técnica de domínio até o estabelecimento de ilusões – somos necessariamente plurais; tal pluralidade não significa fragmentação no sentido negativo, mas o ajuste a experiências fundamentais e dessemelhantes. Nossa dificuldade não está no múltiplo interno que trazemos, senão em saber como lidar com ele. (LIMA, 2006, p.139)

Ricoeur concorda com esse pensamento ao afirmar que, para o historiador (que aqui pode ser entendido como aquele que busca realizar um registro histórico), há “uma relação direta entre a singularidade do acontecimento e a asserção de uma hipótese universal, portanto de uma forma qualquer de regularidade” (RICOEUR, 2012, v.1, p.187). Porém, para que essa relação aconteça, é preciso que haja uma causa e um acontecimento, uma argumentação que o historiador deverá defender para provar que o fato é realmente merecedor de entrar para história. O narrador de *A Insustentável* pratica esta defesa do resgate do passado por meio das lembranças contadas pelos personagens da obra literária.

Tereza se lembrou dos primeiros dias da invasão. As pessoas retiravam as placas das ruas de todas as cidades e arrancavam das estradas os painéis indicativos. O país se tornara anônimo numa noite. (...) Com o passar dos anos, esse anonimato se mostrou nocivo ao país. Nem as ruas nem as casas conseguiram encontrar de novo seu nome original. (...) Tereza constatou que o passado que procuravam lhe fora confiscado.¹¹ (KUNDERA, 2008, p.162-163)

Essa fala aborda um fato que mereceu o registro na História, mas também aponta uma luta pela lembrança do país que era antes da invasão russa. O silêncio de Dubček ecoa na percepção de Tereza sobre o seu passado “confiscado”. O narrador mostra então a impossibilidade de um resgate por completo do passado, provocado tanto pelas falhas da memória como pela força da História. Para

¹¹ “Tereza se souvenait des premières journées de l’invasion. Les gens retiraient les plaques des rues de toutes les villes et arrachaient des routes les panneaux indicateurs. Le pays était devenu anonyme en une nuit. (...) Avec les années, il semble que cet anonymat n’ait pas été sans danger pour le pays. Ni les rues ni les maisons n’ont pu retrouver leur nom originel. (...) Tereza constatait que le passé qu’ils étaient venus chercher ici leur était confisqué.” (KUNDERA, 1998, p.241-242)

ele é como estar diante de uma folha de papel rasgada, que lhe faltasse uma parte importante do texto já lido há muito tempo – por isso esquecido em partes – e que os escritos preservados nunca poderão recuperar seu sentido original. Essa sensação de incompletude, que se espelha num passado “tomado pelo outro”, envolve um posicionamento do narrador que se encontra no presente diferente do que foi outrora. Daí, influenciado pelas reflexões provocadas pelos aforismas de Nietzsche, suas memórias ganharam novas leituras, forçando não só um resgate conflituoso desse passado, dando a voz de seus pensamentos pela voz das histórias que narra, mas também criando uma nova narrativa sobre o que ocorreu nesse momento por meio da literatura.

A hipótese universal anunciada por Ricoeur sobre a história também se revela como um “pré-conceito” do que se pretende abordar, vista pelo teórico como “pseudoleis, tomadas de empréstimo à sabedoria popular ou à psicologia não científica, quando não são preconceitos manifestos, resíduos de “explicação” mágica ou mística das realidades humanas e cósmicas” (RICOEUR, 2012, v.1, p.190). A base dessa hipótese universal reafirma a impossibilidade de uma verdade absoluta da história, visto que ela depende por completo do conhecimento do historiador sobre determinado assunto, o que permitiria a construção do momento histórico a gosto daquele que a elabora. O narrador parece compreender tal pensamento sobre a formação da História, pois usa o silêncio encontrado durante um discurso político para então escapar da história enquanto ciência e adentrar em sua poética, revelando a linha tênue entre narrativa histórica e a narrativa literária.

O conto “Funes, o memorioso”, de Jorge Luis Borges, é um exemplo caro do contraste entre o historiador e o romancista. Nes-

se texto, o escritor argentino deixa à vista o jogo que há entre a formação da História e a subjetividade literária “intraduzível”. Nele, o narrador se recorda de Irineu Funes, um homem que guarda o “dom” de rememorar tudo, todas as possibilidades de narração do passado, sem esquecer de nada jamais, e conta algumas de suas excentricidades geradas por esse “dom”.

Podia reconstruir todos os sonhos, todos os entressonhos. Duas ou três vezes havia reconstruído um dia inteiro; nunca havia duvidado, cada reconstrução, porém, tinha requerido um dia inteiro. Contou-me: Mais recordações tenho eu sozinho que as tiveram todos os homens desde que o mundo é mundo. E também: Meus sonhos são como a vigília de vocês. E igualmente, por volta da alva: Minha memória, senhor, é como despejamento de lixos. (BORGES, 2007, p.105)

A relação dessa memória acumulativa, que absorve todo o passado como assim faz – de certo modo – a história, com um “despejamento de lixo” não aparece aqui por acaso. Ao se lembrar de tudo e de todos, Irineu não era capaz de discernir aquilo de que lhe era mais importante. Não sabia interpretar aquilo que se lembrava. As muitas histórias que conhecia estavam ali, presentes em suas falas, mas pode-se inferir que o silêncio “intraduzível” da literatura se tornou impossível para Irineu, pois não havia nada que passasse despercebido, nenhuma inquietação sobre os fatos deixava o personagem em alerta. Além disso, suas histórias se tornam incoerentes, não têm uma narrativa: falha até mesmo como História. Sua memória, tão repleta de recordações, estava vazia. Em suma, ele não sabia pensar: o seu “dom” era, na verdade, uma maldição.

Tinha aprendido sem esforço o inglês, o francês, o português, o latim. Suspeito, entretanto, que não era muito capaz de pensar. Pensar é esquecer diferenças, é generalizar, abstrair. No abarrotado mundo de Funes não havia senão pormenores, quase imediatos. (BORGES, 2007, p.108)

A partir desse trecho podemos chegar à conclusão de que recordar-se de tudo é, ao mesmo tempo, recordar-se de nada. Diante do “dom” de contar tudo – sem poder escolher o *quê*, sem perguntar o *porquê* e, em suma, sem recair sobre o “silêncio” – revela-se a maldição da impossibilidade de não filtrar e sequer conhecer as possibilidades das incertezas que atravessam sua experiência. Desse conto podemos extrair que, de fato, para a formação de uma História é necessário deixar algumas interpretações sobre o passado para se soçobrar sobre outras e, assim, dar um sentido de continuidade a elas que fuja da hipótese universal e que defenda sua importância diante o desconhecimento da totalidade dos fatos ali narrados. Ao mesmo tempo, a interpretação permite a existência da literatura, que deve se debruçar sobre os silêncios encontrados no mesmo fato. A História é uma seleção das memórias do passado e a literatura, das perguntas que nem sempre guardam uma resposta, tendo tão-somente um silêncio capaz de superar qualquer palavra.

A narrativa que nega a casualidade da História

A narrativa histórica de *A Insustentável* traz à tona a negação dos fatos casuais da história. Houve um começo, um meio e um fim apresentados pelo ponto de vista dos personagens, que culminam com a morte deles – ou o afastamento total daquela vida que levavam enquanto viviam na região – e todos

os fatos narrados tiveram uma causa e uma consequência, ainda que estivessem apenas implícitos na obra. Isso pode ser percebido desde o início pela questão-chave levantada pelo narrador no momento em que citou Nietzsche. “O eterno retorno é uma ideia misteriosa e com ela, Nietzsche pôs muitos filósofos em dificuldade: pensar que um dia tudo vai se repetir como foi vivido e que tal repetição ainda vai se repetir indefinidamente!”¹² (KUNDERA, 2008, p.9). Para que um fato, uma vida, possa se repetir, ela deve ser ordenada de modo a formar um ciclo em que começos e fins sempre se reencontram, fazendo com que o acontecimento seja sempre um meio pré-estabelecido. Ricoeur diz que o encadeamento de fatos na história, responsável por culminar na construção de uma narrativa, é a negação de que o passado tenha ocorrido por fatos casuais. Para Ricoeur, os acontecimentos da narrativa surgem “em conformidade com a previsão que deveria poder ser feita, uma vez conhecidos certos antecedentes ou certas condições simultâneas” (RICOEUR, 2012, v.1, p.189) e “a imputação de uma causa com relação a um acontecimento particular não deriva por aplicação de uma lei causal” (RICOEUR, 2012, v.1, p.210), visto que são mais generalizações feitas por “diagnósticos individuais”.

Enquanto conta a trajetória de seus personagens, o narrador se esforça para deixar claro que as histórias individuais acabam se espelhando numa História do povo, de toda uma geração que viveu o momento da invasão russa. “Acontece na história como na vida do indivíduo. Os tchecos só têm uma história. Ela terminará um dia como a vida de Tomas, sem que seja possível repeti-la uma

¹² “L'éternel retour est une idée mystérieuse et, avec elle, Nietzsche a mis bien des philosophes dans l'embarras: penser qu'un jour tout se répétera comme nous l'avons déjà vécu et que même cette répétition se répétera encore indéfiniment!” (KUNDERA, 1998, p.13)

segunda vez”¹³ (KUNDERA, 2008, p.218). Embora pareça, em uma primeira leitura, o trecho não visa marcar a existência de uma única história imutável, mas sim afirmar uma profunda ligação entre a memória do indivíduo e a coletiva. Enquanto as lembranças sobre uma pessoa forem percebidas sob determinado ponto de vista, o mesmo ocorrerá com as lembranças acerca a sociedade na qual ela esteve inserida. Caso a perspectiva mude, a história geral também mudará.

O documento acreditado

De acordo com Ricoeur, “o conhecimento histórico, que repousa sobre o testemunho do outro, “não é uma ciência propriamente dita, apenas um conhecimento de fé”” (RICOEUR, 2012, v.1, p.162). Assim, ele inicia a problemática do documento ao afirmar que no momento em que o registro foi feito, ele já poderia ser alvo de desconfiança, pois “o vocabulário dos documentos nada mais é que um testemunho, portanto sujeito à crítica” (RICOEUR, 2012, v.1, p.167). O narrador de *A Insustentável*, enquanto fala de suas lembranças sobre o país à época da invasão russa, também traz à luz depoimentos de pessoas em situações que colocam a questão do documento em xeque. Em uma conversa entre Tomas, seu filho e um jornalista que faz oposição ao governo invasor, este personagem fala sobre o receio de estarem sendo gravados pela polícia e faz a seguinte constatação:

imagine a vantagem dos historiadores tchecos do futuro! Acharão nos arquivos da polícia a vida de todos os intelectuais gravada em fitas magnéticas! Sabe o esforço que representa para o historiador de litera-

tura reconstituir a vida sexual de um Voltaire, um Balzac, ou um Tolstói? No caso dos escritores tchecos, não haverá dúvida nenhuma. Tudo está gravado. O menor suspiro¹⁴ (KUNDERA, 2008, p.207-208)

A ironia presente no tom do texto não deixa mentir. As gravações feitas pela polícia não poderiam captar a essência dos intelectuais, as mesmas que os fazem ser perseguidos pelos agentes. Talvez, a única coisa útil dessas gravações, mais curiosa que necessária, seria justamente o exemplo que o jornalista cita: a vida sexual desses intelectuais. Seus pensamentos memoráveis e suas obras não poderiam ser guardados em fitas magnéticas, pois o documento não dá conta desses registros.

Atordado por estar próximo de seu filho, com quem havia perdido contato por um longo período, Tomas não se prende à fala do jornalista, mas ele já havia estado em uma situação que comprovava o contrário, que nem ele nem ninguém poderia confiar nos documentos deste período, pois eram constantemente adulterados. Em uma viagem a uma cidade de interior da Boêmia com Tereza, Tomas percebeu que a cidade havia mudado radicalmente após a entrada dos russos no país.

Em outros tempos, chamava-se Grande Hotel e agora, de acordo com o letreiro, chamava-se Baikal. Olharam para a placa, na esquina do prédio: era a praça Moscou. Em seguida, percorreram todas as ruas que conhecia (...), lendo os nomes: havia a rua Stalingrado, a rua Leningrado,

¹³ “Il em va de l’histoire comme de l’avie de l’individu. Les Tchèques n’ont qu’une histoire. Elle s’achèvera un jour comme l’avie de Tomas, sans qu’il soit possible de la répéter une seconde fois” (KUNDERA, 1998, p.321)

¹⁴ “D’ailleurs, imaginez cet avantage pour les historiens tchèques de l’avenir! Ils trouveront dans les archives de la police l’avie de tous les intellectuels enregistrée sur bandes magnétiques! Saves-vous l’effort que ça représente, pour l’historien de la littérature, de reconstituer l’avie sexuelle d’un Voltaire, d’un Balzac ou d’un Tolstói? Dans les cas des écrivains tchèques, ils n’auront aucun doute. Tout est enregistré. Le moindre soupir.” (KUNDERA, 1998, p.305-306)

a rua Rostov, a rua Novossibirsk (...). Todos os nomes eram tirados da Rússia e da história russa.¹⁵ (KUNDERA, 2008, p.162)

Nesse trecho, as palavras brincam com a memória coletiva de um povo. O nome de uma rua, da praça da cidade, do hotel que é um ponto de referência – tudo é modificado para melhor atender aos invasores. Assim, aquilo que era comum aos tchecos, de forma a criar uma memória coletiva, passa a ser desconhecido para eles e o inverso ocorre com os russos – mas não a ponto de formar uma memória coletiva nos russos em endereços tchecos, pois a nomenclatura nada diz a respeito dos locais, é apenas um embuste. Enquanto, para os russos a mudança dos nomes não modifica efetivamente as suas relações com os espaços, pois é apenas mais uma forma de dominação, para os tchecos, os efeitos ganham grandes dimensões. Embora a rua, a praça e o hotel continuem no local, mantenham sua funcionalidade e tenham a mesma aparência, o nome adulterado, que funciona tanto como arquivo físico como arquivo para a memória dos moradores da região, altera todo o registro feito em cima dele. Como afirmar que o Baikal ainda é o Grande Hotel? A mudança do nome pressupõe uma modificação na imagem das pessoas para com o local. Dessa forma, forma-se um novo pensamento acerca do ponto em questão. Então, embora o Baikal seja o Grande Hotel, esse mesmo Baikal jamais será o Grande Hotel. O arquivo foi adulterado e, por isso, não é mais confiável.

¹⁵ “Autrefois, il s’appelait le Grand Hôtel et maintenant, d’après l’enseigne, c’était le Baikal. Ils regardèrent la plaque, à l’angle du bâtiment : c’était la place de Moscou. Ils firent ensuite le tour (...) de toutes les rues qu’ils connaissaient, et ils regardaient leurs noms : il ya avait la rue de Stalingrad, la rue de Leningrad, la rue de Rostov, la rue de Novossibirsk (...). Tous les noms étaient tirés de la Russie et de l’histoire russe.” (KUNDERA, 1998, p.241-242)

Dessa forma, o documento é apresentado como algo que é fácil de ser manipulado para corresponder às expectativas de quem o domina. Essa leitura se aproxima da que foi realizada por Jacques Derrida em *Mal de Arquivo: Uma Impressão Freudiana*. Para ele, o arquivo precisa de um suporte e de uma autoridade, além dele mesmo. “Não há arquivo sem um lugar de consignação, sem uma técnica de repetição e sem uma certa exterioridade. Não há arquivo sem exterior” (DERRIDA, 2001, p.22). Em outras palavras, o acontecimento do passado, aquele que volta à tona quando diz respeito à realidade que o narrador no presente deseja inserir na história contada, utiliza do documento para ter credibilidade – ainda que, por si só, o documento não se justifique. Para ele, aquela cidade contava uma história tcheca, e tais nomes em endereços e pontos de referência davam um lugar para aquela história. Com a alteração, o espaço, que ainda é o mesmo, passou a contar algo completamente diferente: a memória russa tomou lugar. Assim, ao perceber que a memória coletiva de seu país havia perdido o espaço com extrema facilidade e que o documento até então crível se tornou parte da memória, deixou de ser registro, por assim dizer, resta ao narrador afirmar que a

história da Boêmia e da Europa são dois esboços que a inexperiência fatal da humanidade traçou. A história é tão leve quanto a vida do indivíduo, insustentavelmente leve, leve como uma pluma, como uma poeira que voa, como uma coisa que vai desaparecer amanhã.¹⁶ (KUNDERA, 2008, p.219)

¹⁶ “histoire de la Bohême et l’histoire de l’Europe sont deux esquisses qu’a tracées la fatale inexpérience de l’humanité. L’histoire est tout aussi légère que l’avie de l’individu, insoutenablement légère, légère comme un duvet, comme une poussière qui s’envole, comme une chose qui va disparaître demain.” (KUNDERA, 1998, p.322)

Ou seja, enquanto documento, história documentada e lembrança arquivada propriamente ditas, aqueles registros são tão frágeis quanto uma “poeira que voa”. O narrador assume aqui que nenhum tipo de documentação é absolutamente confiável e questiona: se o tempo dá conta de desfazer os registros, o que seria da memória humana, que sofre desde uma simples mudança de nomes?

Vale retomar a questão da escolha do narrador em nomear o país como Boêmia, assunto discutido no começo do capítulo. Aqui, Boêmia existe como testemunha de um passado que sobreviveu aos tempos atuais, um arquivo, propriamente dito. “O arquivo constitui um elo no passado, ou reconstitui o elo com o passado”, afirmou Serge Margel no minicurso “Política da história: memória, arquivo e testemunho”, ministrado na Universidade de Brasília no dia 13 de novembro de 2016¹⁷. Para o filósofo, o arquivo é deslocado de seu local para servir a um novo tempo, sofrendo, conseqüentemente, alterações e ganhando novas interpretações. Dessa forma, o jogo criado com o nome do país é intencional em trazer à tona um discurso acerca do que a memória e a história são capazes de guardar e resgatar. “Nunca o que acontece, jamais nenhum acontecimento em sua singularidade absoluta, em sua imersão, poderá ser guardado pela memória”, conclui.

Podemos concluir então que, o acontecimento do passado volta à tona somente quando diz respeito à realidade que o narrador no presente deseja inserir na história con-

tada. Isso decorre de uma seleção de acontecimentos que é feita principalmente por escolhas subjetivas do historiador. “O que interessa ao historiador não são só os “sistemas de valor” e sua resistência às mudanças, mas também suas mutações” (RICOEUR, 2012, v.1, p.181), mutações essas avaliadas pelo próprio historiador. Novamente, essas mudanças não puderam ser avaliadas pela História. A literatura se mostra como algo necessário à memória para expor aquilo que a História não é capaz de dizer. A perda da memória tcheca contada pelos pontos de referência da cidade é mais um dos horrores identificados no silêncio de Dubček.

O passado histórico se torna questionamento literário

Em 1970, Hobsbawm deu início a uma conferência com o texto “O sentido do passado”, que visa trabalhar a fundo o seguinte questionamento: o que é, enfim, o passado para a História? Logo no início, o teórico afirma que o passado é “uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana” (HOBSBAWN, 1998, p.22). Assim, pode-se dizer que o passado para a História é, na verdade, uma invenção humana e que, por isso, depende da consciência daquele que o criou, tornando-se, dessa forma, indissociável à subjetividade na criação de uma narrativa. A afirmação não é muito diferente de Ricoeur, que reconheceu o tempo, tanto na vida do homem como na literatura, como uma construção humana, refletindo diretamente no ato de narrar e, por consequência, na criação de uma história, que pode ser também a História. Para Le Goff, “a história é duração, o passado é ao mesmo tempo passado e presente” (LE GOFF, 2003, p.51), pensamento parecido com o de Ricoeur, que se vale de uma passa-

¹⁷ O curso foi realizado pelo Grupo de Pesquisa Poéticas da Memória da Universidade de Brasília (UnB), sob organização da professora Dra. Fabricia Wallace Rodrigues, entre os dias 13 e 16 de setembro no auditório do Prédio de Ciência da Computação e Estatística (CIC/EST) da UnB. O curso foi ministrado por Serge Margel, professor da Escola Prática de Artes e Estudos de Paris (França) e pesquisador do Fundo Nacional de Pesquisa Científica de Berna (Suíça).

gem de Braudel para dizer que os fatos históricos “valem o tempo que vale a realidade que registram..., pois ainda mais significativos que as estruturas profundas da vida são seus pontos de ruptura, sua brusca ou lenta deterioração sob o efeito de pressões contraditórias” (BRAUDEL apud RICOEUR, 2012, v.1, p.174).

Daí, o homem, que se encontra no presente, faz uma “seleção particular da infinidade daquilo que é lembrado ou capaz de ser lembrado” (HOSBAWM, 1998, p.23), particularidade essa que envolve não só seu ponto de vista mas como todo um universo subjetivo que compõe seu próprio ser e, acrescenta ao que está sendo contado as “matérias que não participam do sistema da história consciente na qual os homens incorporam” (HOSBAWM, 1998, p.23), relevando a existência de uma espécie de “silêncio” cheio de palavras próprio da História. Assim, a História não é elaborada apenas por relatos selecionados do passado adicionados aos relatos do presente os quais o historiador se vê impedido a colocar: ela é o que o historiador interpreta desses arquivos, sendo coerente ou não ao que já foi dito anteriormente sobre o assunto. A História, em seus bastidores, passa a ser, de alguma forma, também aquela pergunta que a literatura trabalha e mantém exposta para aqueles que querem desvendá-la.

Tal constatação afirma mais uma vez a subjetividade da história, o que nos permite concordar com Ricoeur quando ele afirma que o “caráter único do acontecimento é, por conseguinte, um mito que deve ser afastado do horizonte científico” (RICOEUR, 2012, v.1, p.189). Com isso, o narrador do romance aqui analisado se vale dessa liberdade para usar a história do país como meio de fortalecer sua argumentação filosófica.

Em 1618, a nobreza da Boêmia tomou coragem, decidiu defender suas liberdades religiosas e, furiosa

contra o imperador sentado em seu trono vienense, jogou por uma janela do Hradcany dois de seus eminentes representantes. Foi assim que começou a Guerra dos Trinta Anos, que provocou a destruição quase total do povo tcheco. Os tchecos teriam então mais necessidade de prudência que de coragem?¹⁸ (KUNDERA, 2008, p.218)

Essa pergunta é feita mais de uma vez na obra, como que para refletir sobre as possibilidades de ações que poderiam ter sido tomadas no passado. O país teria se saído melhor se não tivesse lutado contra o Império Austríaco? Ou teria sido melhor pegar em armas contra Hitler, ainda que isso significasse a ocorrência de um massacre no país, como ocorreu com a vizinha Hungria? A essas questões, provocadas por aquele “silêncio” apontado por Hobsbawm e que o narrador faz questão de escancarar, ele mesmo se revela incapaz de responder

Se a história tcheca pudesse se repetir, seria certamente interessante experimentar a cada vez a outra alternativa e em seguida comparar os dois resultados. Como essa experiência não pode ser feita, todos os raciocínios são apenas um jogo de hipóteses.¹⁹ (KUNDERA, 2008, p.219)

Essas perguntas sempre visam responder ao aforisma de Nietzsche, obrigando o narrador a se voltar para o passado histórico com o objetivo de questionar os atos de um passado recente. Então é possível inferir

¹⁸ “Em 1618, la noblesse de Bohême s’enhardit, décide de défendre ses libertés religieuses et, furieuse contre l’empereur assis sur son trône viennois, précipite par une fenêtre du Hradchine deux de ses éminents représentants. C’est ainsi qu’a débuté la guerre de du peuple tcheque. Les Tchèques avaient-ils alors besoin de plus prudence que de courage ?” (KUNDERA, 1998, p.321)

¹⁹ “Si l’histoire tcheque pouvait se répéter, il serait certainement intéressant d’essayer chaque fois l’autre éventualité et de comparer ensuite les deux résultats. A défaut de cette expérience, tous les raisonnements ne sont qu’un jeu d’hypothèses.” (KUNDERA, 1998, p.322)

que, para ele, pouco importa o motivo das guerras quando a Tchecoslováquia ainda era o Reino da Boêmia – sequer cita o conflito religioso, tido pelos historiadores como o cerne das batalhas. O narrador de *A Insustentável* também mostra que esses mesmos fatos históricos que ocorreram no século 17 serviriam como ordenação para as atitudes tomadas pelos tchecos durante a Segunda Guerra Mundial.

Trezentos e vinte anos mais tarde, em 1938, depois da Conferência de Munique, o mundo inteiro decidiu sacrificar o país dos tchecos a Hitler. Deveriam então ter lutado sozinhos contra um inimigo oito vezes superior em número? Ao contrário do que tinham feito em 1618, revelaram então mais prudência do que coragem. A capitulação deles marcou o começo da Segunda Guerra Mundial, que consolidou por muitos decênios ou por muitos séculos a perda definitiva de sua liberdade como nação. Teriam então mais necessidade de coragem que de prudência?²⁰ (KUNDERA, 2008, p.218-219)

Dessa forma, pode-se verificar que os séculos que se passaram entre uma guerra e outra puderam ser aproximados pela narrativa. O povo ainda é o mesmo, mas as ações foram diferentes, completamente opostas. Além disso, os desejos de dominação de Hitler, que o levaram a subjugar uma série de países da Europa, também não são levados em conta. O que ele busca é compreender o povo tcheco. Suas ações durante a invasão russa têm a mesma dignidade daquelas no século 17? Ainda que “*einmal ist keinmal*”, como afir-

mou em diversos momentos, ele se pergunta se agindo dessa forma valeria a pena voltar a viver esse momento outras e outras vezes. São questionamentos provocados pelos silêncios que a História não deu conta de responder e que a literatura se propõe investigar.

O uso do termo Boêmia para nomear o país realça ainda mais esta proposição, pois deixa claro que, para o narrador, as atitudes do passado recente não estiveram de acordo com a memória coletiva tcheca, gerando uma brecha e uma série de conflitos internos dentro da população. Deve-se ressaltar que, ao afirmarmos *A Insustentável* como obra literária, ao invés de narrativa histórica, podemos perceber o uso dos fatos históricos não com o objetivo de evidenciar uma repetição na História ao longo dos séculos, mas sim de questioná-los diante da memória coletiva narrada pelo narrador, exposta por uma série de problemáticas que colocam a identidade tcheca em xeque.

O texto de Hobsbawm também pontua a necessidade de uma História para a existência de um passado. Para ele, é esse passado institucionalizado pela História que “fixa o padrão para o presente” (HOSBAWM, 1998, p.23). Ou seja, anota-se na história aquilo que deve ser lembrado para ser repetido ou evitado. Assim, voltamos a perceber que a história não é casual, pois cada um de seus elementos existe para atender a algum objetivo do presente. Ricoeur explica que a seleção de acontecimentos históricos decorre da preferência por ações de indivíduos que explicitam uma situação que envolve a sociedade e diz que contar essas histórias

não é ratificar a escolha segundo nossos critérios morais e dizer: “O que ele fez eu também teria feito”, é pesar a ação em função dos objetivos do agente, de suas crenças, ainda que errôneas, das circunstâncias tais como ele as encontrou” (RICOEUR, 2012, v.1, p.214).

²⁰ “Trois cent vingt ans plus tard, em 1938, après la Conférence de Munich, le monde entier décide de se battre seuls contre un ennemi huit fois supérieur em 1618, ils montrèrent alors plus de prudence que de Seconde Guerre mondiale qui s’est soldée par le plusieurs décennies ou pour plusieurs siècles. Avaient-ils alors besoin de plus de courage que de prudence ?” (KUNDERA, 1998, p.321)

Pode-se compreender então que os acontecimentos históricos são narrados porque fazem sentido, de alguma forma, com a narrativa geral – sendo ela histórica ou literária. Dessa forma, a história é contada caminhando para trás, em que o ponto de partida é justamente o presente e a conclusão se dá no momento em que eventos do passado conseguem dar razão ao que ocorre no presente. Assim como ocorre em *A Insustentável* que busca os fatos históricos por meio de um narrador que pensa sobre o que ocorreu antes com o apoio de pensamentos filosóficos que se situam no presente da narração.

A história como fruto de intrigas

Le Goff aprofunda seu contato com o pensamento de que a “história se assemelha, então, a um romance. É feita de intrigas” (LE GOFF, 2003, p.39). Porém, Le Goff defende que há uma diferença essencial entre o romancista literário e o historiador: enquanto o primeiro tem a total liberdade de imaginar qualquer aspecto daquilo que está narrando, o segundo tem que limitar sua imaginação. Para ele, o homem só pode contar com a imaginação “que consiste em animar o que está morto nos documentos e faz parte do trabalho histórico, pois que este mostra e explica as ações dos homens” (LE GOFF, 2003, p.40), ou seja, aquela subjetividade encontrada e valorizada por ele ainda deve ser trabalhada de modo a ser explicada e catalogada dentro da História. Assim, o uso do termo Boêmia como meio de afirmar a força da nação e o silêncio de Dubček, que abre para uma série de questionamentos históricos dentro da obra literária, não servem de argumento histórico, ao menos não como motor para mover a vida das pessoas inseridas dentro da História – o que ocorre com os personagens em *A Insustentável*.

Diante dessas conclusões, podemos afirmar a obra literária como possuidora de uma narrativa que trabalha a História, mas que é essencialmente literária. Nesse caso, a História presente é uma História “poética”, em que os fatos da vida real servem de proposta para uma série de questionamentos humanos e filosóficos. Nesse sentido, *A Insustentável* torna-se história de modo muito específico, assim como o é para Ricoeur, que afirma a ficção e a narrativa histórica como conceitos que “pertencem à mesma classe”. Dessa forma, o teórico aproxima a história da literatura, pontuando a “história como escrita”.

Um conhecimento histórico não é só o que acontece, mas o que pode ser narrado, ou que já foi narrado em crônicas ou lendas. Além disso, o historiador não ficará constrangido por trabalhar apenas com documentos parciais: só se faz uma intriga com o que se sabe; intriga é por natureza “conhecimento mutilado” (RICOEUR, 2012, v.1, p.210).

Assim, não fica difícil perceber o papel do historiador na voz do narrador na obra escrita, pois

se a construção da intriga é obra de juízo, ela liga a narração a um narrador e portanto permite que o “ponto de vista” deste último se dissocie da compreensão que os agentes ou os personagens da história possam ter tido de sua contribuição para a progressão da intriga. (RICOEUR, 2012, v.1, p.295)

Ricoeur também cita o conceito de “meta-história” criado por H. White: “Somente uma meta-história pode ousar considerar as narrativas históricas como ficções verbais, próximas por seu conteúdo e sua forma, de sua contrapartida literária” (RICOEUR, 2012, v.1, p.268). Daí, Ricoeur situa a

ficção como “possível” e a história como “real”, relacionando-as na construção de uma narrativa, em que a ficção funciona como o “fio” da história, que é “comprovada” por meio de documentos. Dessa forma, “o historiador, como escritor, dirige-se a um público capaz de reconhecer as formas tradicionais da arte de narrar. As estruturas, portanto, não são regras inertes. Não são classes oriundas de uma taxonomia *a priori*. São as formas de uma herança cultural” (RICOEUR, 2012, v.1, p.210). Podemos afirmar, então, em que a forma como os fatos históricos presentes em *A Insustentável* são trabalhados ganha tanta importância quanto o próprio conteúdo apresentado pelo narrador, ou seja, a narrativa histórica passa a ser importante também pela narração do narrador, e não só pela sua correspondência com a realidade.

Referências bibliográficas

- AGUIAR, Thiago Borges de; SILVA, Davi Costa da. **Identidade nacional na Boêmia do século XV e a formação de uma paideia tcheca**. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 41, n. 02, p. 309-324, abr./jun. 2015.
- BARTHES, Roland. **História ou Literatura?**. In: Sobre Racine. Tradução de Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. Tradução de Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BRAUDEL, Fernand. **História e ciências sociais**. Tradução de Rui Nazaré. Portugal: Editorial Presença, 1982.
- DERRIDA, Jacques. **História da Mentira: Prolegômenos**. Revista Estudos Avançados, São Paulo-SP, 10 (27), 1996.
- DESGRAUPES, Pierre; DUMAYET, Pierre (coord.). **Praga – quando os tanques avançam**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura, 1968.
- GOLDFEDER, Sonia. **A primavera de Praga**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- HOBBSAWM, Eric. **Sobre História**. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- KUNDERA, Milan. **A insustentável leveza do ser**. Tradução de Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- KUNDERA, Milan. **L’insoutenable légèreté de l’être**. Tradução de François Kérel. França: Folio, 1998.
- LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão, Irene Ferreira e Suzana Ferreira Borges. São Paulo: Unicamp, 2010.
- LIMA, Luiz Costa. **História, Ficção, Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Tradução Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2006.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Tradução de Claudia Berliner. Três volumes. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso: Ensaio sobre a Crítica da Cultura**. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: USP, 2001.

Abstract: This article aims to understand the role of the History in the narrative of The unbearable lightness of being, a novel written by Milan Kundera in 1984. It is possible to notice that the narrator assumes the role of the historian, even if he is not fully committed to the veracity of the facts. Therefore, he acts as one who is building the collective memory of the Czech Republic out of the individual memories of each character, during the

time of the Russian invasion that ended the Prague Spring in 1968. In order to discuss this, the concepts that involve the question of History based on the writings of Paul Ricoeur and the his-

torians Fernand Braudel, Eric Hobsbawm and Jacques Le Goff will be analyzed.

Keywords: *memory; history; Paul Ricoeur; Milan Kundera; The unbearable lightness of being;*

